



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADE (IH)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

FRANCISCO EDSON DA SILVA

**MUSICALIDADE E PERFORMANCE DA BANDA CABAÇAL DOS IRMÃOS
ANICETO**

**REDENÇÃO – CEARÁ
2018**

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família pelo apoio em toda essa trajetória, a Dane de Jade por facilitar o encontro com os Aniceto, a Ailton Frazão, Neide Frazão, Dayane Frazão, Leone Frazão, Leandro Frazão pelo acolhimento em sua residência durante o tempo que precisei ficar no Crato.

Agradeço também a Erik Guedes por me acompanhar na viagem e ajudar nas filmagens, a Wesley Santana pela paciência e carinho na montagem e a edição e a Harley Almeida por dar os toques finais nesse processo.

Não poderia esquecer de Maurílio Machado, a Sabrina Santos e principalmente a Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto representada no curta por Jeová Aniceto e Mestre Raimundo Aniceto.

Gratidão à banda cabaçal palmares e todos que fazem o projeto Cria do mundo e enfim a minha amiga e Orientadora Rosália Menezes pelo apoio nesse momento tão significativo para mim, a UNILAB e a todos que me ajudaram a concluir esse trabalho que faz parte do meu projeto de vida. Vida longa ao pife e as bandas cabaçais.

“esse trabalho é reflexo da energia da trocada entre eu,
esses homens e suas performances”

(Pablo Assumpção)

RELATÓRIO DE PESQUISA E COMPOSIÇÃO DO VÍDEO

Título do vídeo: Musicalidade e Performance da banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto

Duração do vídeo: 15:02 minutos

Entrevistadas:

- Mestre Jeová Aniceto
- Mestre Raimundo Aniceto

Resumo: O presente relatório tem como principal objetivo introduzir o leitor ao curta-metragem “A musicalidade e performance da banda cabaçal dos Irmãos Aniceto”. Visamos mostrar o papel fundamental desse processo de construção do curta para desta forma dar visibilidade as bandas cabaçais, tendo como foco principal o grupo dos Irmãos Aniceto. Salientamos que é a banda mais antiga do Ceará com 202 anos de existência. Viso contar sobre o lugar da pesquisa (Crato- Ce) e de como a minha trajetória fez surgir o interesse para a pesquisa, mostrar todo o processo de encontro com os entrevistados, da obtenção de informações e imagens para o curta metragem.

Palavras-chave: Cariri, Banda cabaçal, Irmãos Aniceto

O Cariri

Sabemos que a trajetória da região do Cariri até se tornar a que conhecemos hoje é muito complexa, portanto para que possamos nos situar do local da entrevista, precisamos contar um pouco da história daquele lugar surpreendente.

Situado no sul do Ceará o Cariri possui um potencial artístico cultural riquíssimo. É terra de grandes artistas e movimentos artísticos que o torna referência para o país e o mundo. Mas como pode o Cariri herdar uma cultura tão vasta ao ponto de contagiar a todos que por lá passam? Para responder esta pergunta precisamos voltar no tempo, entender um pouco da história daquela terra, daquele povo, e deste modo tentar entender o antes para compreender o agora, buscando sobretudo o enfoque no Crato, pois é lá onde vamos contar o trajeto dos entrevistados para o curta-metragem.

Aquela sublime terra denominada Cariri, tem esse belíssimo nome devido a herança dos ancestrais indígenas de língua travada (kariris) que povoaram a região antes da chegada dos colonizadores. Segundo Gonçalves (2016) as principais cidades do Cariri cearense onde habitavam os novos Kariris (como eram chamados para diferenciar dos povos do Cariri paraibano) eram Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. No mapa abaixo, podemos perceber a localização geográfica dessas cidades.



Eram nessas cidades onde existiam o maior fluxo de indígenas, que por mais de 10 anos resistiram fortemente a invasão do colonizador. A Luta contra essa usurpação se deu de

forma bastante violenta, principalmente da parte do conquistador branco que deixaram danos irreversíveis ao povo caririense.

A luta que se travou foi de vida e morte, como nunca houve igual na história da conquista. Durou para mais de dez anos, tempo suficiente para causar danos de ambos os lados, ainda que somente o lado indígena tenha sofrido prejuízos irreversíveis. De lado a lado, a fereza excedeu aos extremos da violência, principalmente da parte do branco civilizado, que se mostrou mais bárbaro que o bárbaro. (GONÇALVES, 2016, p. 75)

Outro fator que contribuiu para essa invasão foi a entrada dos missionários cristãos e protestantes, dentre eles inúmeros espanhóis que trouxeram jesuítas, portugueses, oratorianos, italianos, capuchinhos, holandeses e missionários protestantes. Segundo Gonçalves (2016) a perspectiva desse grupo de missionários era de “amansar” e catequisar os indígenas. Desse modo podemos imaginar como nossos ancestrais sofreram por serem submetidos de forma abrupta a uma nova cultura tendo em vista que ao mesmo tempo eram expulsos de suas terras. Com o passar do tempo, mais ou menos por volta de 1730, essas missões dão origem a povoados que posteriormente se tornariam núcleos urbanos, sendo eles Missão Velha e Crato e “isso indica que Crato e Missão Velha tiveram em suas cercanias a presença numerosa dos Kariris.” (GONÇALVES, 2016, p. 75).

Contudo, antes da invasão do colonizador, o povo kaririense, que já tinha sua identidade, sua cultura, foram sujeitos a uma modificação que ia no sentido contrário aos ideais que acreditavam, como nos mostra Gonçalves:

Com a apropriação dos territórios habitados pelos indígenas, o colonizador dominou e escravizou o povo Kariri e renomeou a maior parte dos lugares que serviam de abrigo. E a terra denominada Araripe (terra de Araras) pelos indígenas passa a ser chamada de Cariri pelos novos habitantes, brancos e colonizadores, que alteraram não somente os significados da toponímia como desmantelaram o funcionamento de toda a dinâmica de interações territoriais e ambientais existentes naquela porção de terra tropical. (GONÇALVES, 2016, p.77)

Até aqui podemos perceber de forma breve como a região foi sendo formada. A conquista da terra não se deu de forma rápida e fácil, houve muita luta, resistência, e havendo o agravante de diversas culturas distintas impostas por parte dos invasores. Os kariris viviam distribuídos por boa parte do sertão nordestino, e devido a todo esse momento exaltado é tangível que houve uma remodelação. Desta forma que sucedeu a redução do número de índios, causando uma fragmentação e dispersão territorial ocasionado por uma traumatização em suas

memórias, tendo como desfecho a perda de riquezas e mortes de parentes na guerra (GONÇALVES, 2016).

Assumpção diz que quando os índios dançam, acabam por narrar inúmeros acontecimentos sofridos, e desta maneira podemos nos direcionar de como o cariri se formou e conseqüentemente como o temos hoje. Não obstante, ele nos orienta que:

Não há realmente nada de concreto que possa referendar as informações disponíveis sobre os índios cariri. As mais antigas e autorizadas referências a esses indígenas foram registradas sob a ótica muito particular de seus escritores, em sua maioria, jesuítas e missionários europeus. Lembremos que é preciso bastante comedimento para aproveitar as informações passadas por tais cronistas sem assimilar certas concepções pessoais que trazem em si preconceitos e julgamentos típicos do “branco civilizado”. (COSTA 1999 p. 20)

Isso indica que o invasor não se importava com a cultura dos índios kariris, se desfazendo de seus rituais e toda prática que no olhar do branco era anormal. A cultura, os costumes, as tradições foram todos narradas sobre um olhar estranho e não detalhando de forma a valorizar essas práxis.

Os índios kariris também eram chamados de tapuias e possuíam idioma próprio e eram encontrados em todo Nordeste. Se deslocavam constantemente devido aos climas complicados dos sertões, mas foi nessas andanças que os mesmos encontram a Chapada do Araripe, uma terra favorável para a manutenção da vida de forma digna. No Ceará os Cariri habitavam, principalmente, Missão velha, Missão nova, Barbalha, Milagres e Crato. (H. LOWIE *apud* COSTA 1999).

Segundo Assumpção, os índios kariris sofreram diversas formas de violações. Foram colocados no molde dos costumes do branco e nos conta que por mais que os índios fossem conhecidos como pacíficos, eles travavam lutas contra seus inimigos tupi e contra exploradores europeus. Valentes e dispostos a se arriscarem em situações consideradas suicidas “para defender seu povo, suas terras, Cariri implumavam o corpo com penas de arara, papagaio e periquito” (COSTA 1999 p. 28). Foi em meio a essas batalhas que conseguiram manter viva, mesmo com diversos empecilhos, a memória, muitas tradições e muitos costumes, como por exemplo o uso da rede, a musicalidade que serviram de inspiração para criação de performances nas apresentações dos Irmãos Aniceto.

Para finalizar esse assunto, vamos adiantar um pouco da história até chegar ao nascimento do povo cabloco, isso após muitos anos de luta e resistência dos índios Cariris “a partir do momento que o explorador da terra toma o poder sobre a vida desses indígenas, o grupo étnico desaparece, com que por encanto” (COSTA 1999 p. 48) e nasce o cabloco:

A mistura das raças, o índio de valores brancos. É um sinal, que lhes é dado de ser. A religiosidade exacerbada vem com o berço. Ao espírito ingênuo do cabloco resta a acomodação no fatalismo. E parte disso se deve à vida nas caatingas do sertão nordestino, que basicamente rural e ligada à agricultura, acaba condicionado a fatores climáticos. É na chuva abençoada. É na seca traiçoeira. Contra esses entes, o homem nada pode. No momento em que as inspirações humanas de um povo estão sujeitas a mudança de sol e chuva, o pensamento desse povo vai transformar em gente de ideias fixas, donde os fatalismos, o conformismo. E assim, eles se apoiam no conforto da vontade de Deus, dizendo Amém a sua miséria. Para defender seu povo, suas terras, esses a Cariri se implumavam o corpo com penas de arara, papagaio e periquito.

Levando vidas subumanas, o homem busca, no fundo da alma, imagens estórias fantásticas de conquistas e aventuras, e ao contá-las, por meio da música, do cordel e outras artes, resgatam, de alguma forma, a felicidade perdida: é o nascimento de uma nova cultura. (COSTA 1999 p. 49)

Poderia ir mais a fundo e contar detalhadamente, mas temos como objetivo apenas situar o leitor e mostrar como o cariri se tornou tão rico em cultura e em especial o Crato, também herdeiro de uma ancestralidade valiosa. É nessa cultura de contato que surge o cabloco, povo que dá origem do povo do Crato, do tempo das missões religiosas. A cultura de contado fez com que a etnia indígena não se extinguisse, mas houvesse “uma mistura, adaptação de costumes, um acordo natural” (COSTA 1999 p. 50). É então que podemos chegar em uma das heranças cabloca que acaba por ser o corpo nosso trabalho, “a zabumba, ou banda cabaçal, como herança da musicalidade Cariri” (COSTA 1999 p. 51).

De acordo com Costa, a Missão De Miranda da origem a cidade do Crato, lá se concentrava o maior número de indígenas audeados da região, e herança deixada nos é valiosa:

Ainda hoje, restam no Crato, e em todo o Cariri, certos costumes que nos chegaram deste passado longínquo. A arte popular, no sentido daquela que emana do povo, além de servir para caracterizar índole e o temperamento da sua gente, é nesse universo onde esses costumes podem ser bem identificados. Das manifestações artísticas próprias do Crato, destacamos a banda de Música cabaçal, ou música de couro, ou ainda Zabumba de couro, ou simplesmente zabumba.

Tradição que perdura em pouquíssimas localidades do Nordeste Brasileiro, é a cabaçal o conjunto mais exótico dessa região do país. E no Crato, apesar do “progresso”, podemos facilmente ouvi-la em pleno centro Urbano. (COSTA 1999 p. 59)

Esse breve histórico foi dado com o intuito de mostrar como os costumes da região influenciaram na musicalidade e na criação da banda cabaçal dos Irmãos Aniceto que é o foco de nosso trabalho. Partiremos agora para a explicação do porquê da produção do curta metragem.

Do pífano a pesquisa: Uma trajetória

No ano de 2014 participei das residências artísticas do festival jazz blues em Guaramiranga-Ce, através do projeto Música é para vida. Esse projeto era realizado pela Secretaria de Educação do Estado tendo como parceiro o festival de Jazz. O projeto proporcionava uma vivência com cem alunos do ensino médio de todo o Estado.

Nós passávamos uma semana tendo oficinas com professores renomados da música brasileira. Foi em meio essas vivências que pude conhecer Jhon lenon Alencar de Crato- Ce, ele era um dos arte-educadores que acompanhava alunos do Cariri. Certo dia ele me ofereceu um pífano que custava aproximadamente 15 reais. Me apresentou um instrumento que até então não conhecia. E fazia uma bela propaganda dizendo que era feito pelos Irmãos Aniceto e me contou um pouco sobre eles e da banda cabaçal.

Nesse mesmo festival conheço o arte-educador Galdino que nos convida para o festival Cordas Ágio em Crato- Ce ano de 2015, mas que apenas pude ir um ano depois. Nesse intervalo, aprendi a tocar e fazer pífano.

No festival Cordas Ágio de 2016, conheci a Banda Cabaçal do Irmãos Aniceto e pude contemplar pela primeira vez sua apresentação.

Nesse mesmo ano ingresso na Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB). O meu primeiro interesse é saber mais sobre grupos de música na universidade e com a ajuda do professor de música Ricardo Nascimento crio um grupo de pífano que vem a se tornar um profeto de extensão da faculdade.

O nome do projeto de extensão é: Cria do Mundo: A banda cabaçal dos Irmãos Aniceto e a ancestralidade indígena e africana nas performances culturais do nordeste brasileiro.

Estive outras duas vezes no ano de 2017 e 2018 diante da banda cabaçal dos irmãos Aniceto, momentos estes que foram importantíssimos para observa-los em suas performances e musicalidade e posteriormente servir de embasamento para nosso projeto de extensão.

Foi por todo esse processo que surgiu o interesse de fazer meu projeto de pesquisa para a primeira obtenção de nota TCC I orientado pelo Professor Maurilio. Cada vivência foi primordial para que eu tivesse a certeza que é sobre as bandas cabaçais e o pífano que quero seguir pesquisando e dar continuidade no TCC II.

TCC II: áudio visual

Duas pessoas foram importantes para me fazer migrar do projeto de pesquisa para o áudio visual no TCC II. Considerando que Maurílio mudou-se, ele não pode dar continuidade na orientação do trabalho, tendo como próximo(a) orientador(a) a Professora Rosália Menezes.

Depois de muito pesquisar e ser incentivado tanto por minha orientadora quanto pela Professora Joceny De Deus Pinheiro, foi a partir daí que percebi o quanto um trabalho de áudio visual seria importante e rico no enriquecimento de experiências pessoais, na facilidade da divulgação do trabalho e da banda cabaçal dos Irmãos Aniceto.

Primeiro dia: chegada ao Crato- Ce e a surpresa

Saio da Rodoviária João Tomé em Fortaleza no dia 21 de setembro com destino a Crato- Ce, para me encontrar com a Diretora da vila da música Dane de Jade, amiga dos irmãos Aniceto, e dessa forma encontra-los para uma entrevista. Meu encontro com Dane de Jade só acontecia na segunda 24, ou na terça 25 pois ela estaria retornando de viagem nessas datas. Foi de minha preferência antecipar minha chegada para evitar imprevistos e para respeitar o dia que os irmãos Aniceto poderiam dedicar um tempo para nossa entrevista.

Para ser mais exato, chego na rodoviária do Crato- Ce no sábado dia 22, aproximadamente, as 7:00h da manhã, pego um moto taxi e vou para perto da prefeitura, lá encontro com Daiane que prontamente me acolhe junto da sua família por todo o tempo que precisei ficar. Quando à encontro vamos tomar um café e em seguida dar uma volta no centro da cidade, pois eu desconhecia alguns lugares. Nesse momento eu aproveitava para olhar a cidade e tentava perceber o que poderia filmar ou fotografar para a montagem das cenas do curta-metragem. Andamos em algumas praças e em seguida fui chamado para conhecer a Universidade Regional do Cariri - URCA, chegando lá fui surpreendido pelo último dia da IX edição do evento “Artefatos da cultura negra” e a noite aconteceria algumas apresentações culturais de encerramento. Após esse momento vamos até um local onde pegaríamos um pau de arara para subir até o Belmonte (lugar onde eu passaria os dias para aguardar o encontro com Dane de Jade e posteriormente os irmãos Aniceto).

Cheguei no Belmonte e era fim tarde e enquanto descansava, surgiu um convite inusitado para ir a Praça da Refesa para o último dia do evento, devido ao cansaço da viagem não estava empolgado para ir, mas fiquei pensando “Será que vou? Não vou?” e depois de muito pensar e ser incentivado pelos amigos a ir, decidi faltando apenas 20 min. para saída do último carro que nos levaria até a praça, rapidamente nos aprontamos e descemos a serra para aquela noite cultural.

Chegando no evento, nos deparamos com a passagem de som de alguns músicos que posteriormente dariam início à noite cultural. A noite já começara interessante e eu não fazia

ideia dos grupos que iriam se apresentar naquela noite. Minutos depois vejo uma movimentação de grupos que iriam fazer parte das apresentações, eu estava um pouco distraído e quando observo ao meu entorno consigo avistar os irmãos Aniceto, rapidamente bate uma euforia, uma alegria tão grande que me gerou uma inquietação. Imediatamente tiro meu pife da bolsa e vou me aproximando e começo a tocar. Naquele momento um dos irmãos se aproxima com o pífano e juntos começamos a nos entrosar, tocamos e dançamos. Logo depois da brincadeira nos abraçamos e não consigo disfarçar a minha felicidade. Puxo uma conversa e já adianto um pouco da minha história e meu interesse em encontrá-los.

Ainda sem saber da ordem das apresentações, minutos depois sobe ao palco a banda cabaçal dos Irmãos Aniceto, imediatamente pego meu celular e começo fotografar e filmar algumas das músicas e performances, imagens estas que foram importantíssimas para composição do curta-metragem. Foi um dia que ocorreu tudo de forma muito espontânea, e o mais importante para mim nesse processo foi ser responsável por toda a produção áudio visual do curta.

Dois dias depois tenho outra surpresa, após me encontrar com Dane de Jade, fui informado que Os Irmãos Aniceto tocariam novamente, só que dessa vez na vila da música situado no Belmonte, local próximo de onde eu estava instalado. Não pensei duas vezes, falo com meu primo que me acompanhava nas filmagens e novamente fazemos várias fotos e filmagens que posteriormente seriam usadas no curta. Dessa forma nós conseguimos captar várias imagens na praça da Refesa e na vila da música, esses dois momentos foram essenciais para nos fazer produtor de todo material coletado para o curta.

Equipamentos de filmagem

Como não tenho câmera fotográfica e filmadora a alternativa foi usar dois aparelhos celulares. Um era o meu e outro do meu parceiro de filmagem. Outro equipamento importantíssimo foi a construção de um tripé que me possibilitou uma filmagem estabilizada e um pouco mais profissional. Foi então que usando canos de PVC e um pedestal recuperado de microfone que fiz essa estrutura que foi de extrema importância para todo o processo de captação das imagens. O tempo que se levou para fazer esse suporte para celular foi de quase uma semana, devido à escassez de material. Testei de várias formas até chegar ao estado atual, resultando um bom desempenho na hora das filmagens. Usamos também um celular apenas para gravação de áudio, mas no momento da edição não se fez necessário.

Roteiro de filmagem.

Nosso roteiro foi discutido e planejado nos encontros com a orientadora e colocado em prática quando fui a campo. Um dos objetivos seria montar o roteiro junto com os entrevistados, de uma forma que ocorresse de forma natural e espontânea e assim nosso encontro seria mais como uma conversa filmada e não uma entrevista robótica e de certa forma, fria.

Relato de Campo

A primeira vez que ouvi sobre a banda cabaçal dos Irmãos Aniceto foi no projeto Música é para vida em 2014 evento parceiro do festival jazz e blues de Guaramiranga- Ce, de onde ganhei meu primeiro pife e onde nasceu toda paixão por esse instrumento e posteriormente pela banda cabaçal. Desde 2014 que faço pesquisas sobre o grupo e os acompanho, e hoje poder narrar um pouco da experiência que tive é de suma importância.

No dia 25 de novembro de 2018 os Irmãos Aniceto se apresentam na vila da Música. Acompanho toda a apresentação e quando terminam. espero que eles descasem para me aproximar para conversar e marcar o dia da entrevista. Cumprimento todos e sou recepcionado com muita cordialidade, depois de ter explicado a proposta de meu trabalho pergunto sobre o dia que poderíamos nos encontrar e quem poderia se fazer presente no dia a ser combinado. Minutos depois o mestre Jeová Aniceto diz que posso ir até sua residência para entrevista, e o melhor dia para ele seria no dia 30 de novembro, domingo pela manhã. Embora a entrevista tenha acontecido horas mais tarde por ter tido alguns imprevistos

Imprevisto no trajeto: Encontro com mestre Raimundo

Inicialmente o que estava combinado era de ir apenas na casa de Jeová Aniceto, que representaria a banda cabaçal, mas no mesmo dia da entrevista pela manhã contei para uma amiga (Mirla) a minha vontade que de conhecer mestre Raimundo. Ela morava bem perto da casa dele e pediu para a mãe dela ir até lá, para ver se ele teria condições de me receber para uma visita e uma possível entrevista. Após trocas de mensagens via aplicativo de mensagens instantâneas, WhatsAap, recebo a notícia que o mestre não estava bem de saúde devido um acidente vascular cerebral que sofrera a pouco mais de um e em decorrência deste incidente perdeu a fala e limitação em alguns movimentos dos dedos das mãos, após espera para saber se a entrevista seria dada, mesmo naquele estado, me veio a confirmação de que eu poderia

encontrar mestre Raimundo. A intenção era apenas conhecê-lo pessoalmente, e aproveitar para fazer algumas filmagens para utilizar no curta.

Logo depois fui ao encontro do Jeová Aniceto.

Imprevisto no trajeto: Encontro com mestre Raimundo, a emoção

Era aproximadamente 13:20, saio do distrito de Belmonte para o centro do Crato com o intuito de conseguir um transporte para nos levar a mestre Raimundo. A primeira tentativa foi falhou, pois, a demora nos faria atrasar. A segunda tentativa foi mais positiva, uma vez que, contatamos dois moto-taxistas para nos levar ao Seminário, distrito onde mora mestre Raimundo.

Chegando no Seminário na Rua Dr. Manoel Macedo, Mirla, me esperava para seguirmos até a casa do Mestre. Chegando lá peço licença, entramos na sala de estar e esperamos pelo mestre, logo em seguida de forma natural pego meu primeiro pífano, feito pelo mestre Antônio e começo a tocar uma música enquanto o mestre Raimundo e sua esposa se aproximam, quando os mesmos chegam perto, posso notar um sorriso largo no rosto de ambos, imediatamente sou cumprimentado e enquanto nos abraçamos falo da gratidão e do prazer de conhecer tal músico, aquele que eu sempre admirei.

O próximo momento considero o mais emocionante. Logo após ser cumprimentado pelo mestre, tento mostrar meu primeiro pífano, mas ao reparar que Raimundo tentava se comunicar através da fala não obtendo sucesso algum, fico muito emocionado, tento disfarçar e peço para ele esperar um pouco até eu conseguir falar e dar continuidade a conversa/entrevista.

É pela paixão que tenho pelo pífano e pela banda que justifico tamanha emoção. O homem simples, transparente e simpático tentava me contar a sua história, fiquei feliz que mesmo depois daquele problema de saúde, que tirava uma parte tão importante do ser humano (linguagem), eu ainda conseguia ver muita alegria e entusiasmo. Esse acontecimento me fez admirá-lo ainda mais, tanto quanto músico quanto como ser humano.

Veza ou outra sua esposa entrevistava e nos ajudava a decifrar alguns gestos. Mestre Raimundo ainda conseguiu me “falar” muita coisa, foi até a cozinha e em gestos me chamou para ver sua Zabumba mais antiga, também me mostrou as fotos, os prêmios, as homenagens dirigidas a ele e a banda cabaçal nesses longos dois séculos de existência.

Mestre Raimundo, com os seus 84 anos, nos recebeu de forma bastante verdadeira, foi sempre muito alegre e isso fez com que a conversa fluísse bem. Ademais, tocamos pífano,

dançamos e como fui autorizado a filmar tudo que acontecia, o fiz. Não tenho palavras para agradecer tamanha gentileza, simplicidade e a forma como fui tão bem recebido. Pude aprender naquele pouco tempo com o Mestre como é importante amar o que se faz, isso acaba por ser o sentido da vida. Valorizar a nossa cultura é de extrema importância e as bandas cabaçais fazem parte disso. Sigo firme acreditando mais naquilo que faço: tocar, vender e espalhar a história do pife e das bandas cabaçais. Considero essa visita/entrevista ao mestre Raimundo uma das partes mais importantes do nosso curta metragem, um aprendizado para levar para vida.

Encontro com o Mestre Jeová Aniceto

Após sair da casa de mestre Raimundo, vou de encontro a Jeová Aniceto. Chegando na residência dele, sou muito bem recebido. Uma das primeiras coisas que faço é me apresentar e mostrar o porquê de estar ali. Conto um pouco da minha história, do meu primeiro pífano, que eu havia entregado logo que cheguei, e então ele me informa que foi mestre Antônio¹ quem havia feito, naquele momento tive uma surpresa pois o pífano havia sido um presente.

Depois sento ao lado de Jeová e mostro vídeos da nossa banda cabaçal, que é resultado de um projeto de extensão da UNILAB que foi inspirado neles, falo que um dos motivos de estar ali é por causa desse projeto. Aproveito e presenteio o mestre com um pífano que eu fiz com canos de PVC e ele diz “Marrapaz, ainda ganhamo um pífano do menino, que beleza, fica na história, esse aqui vai ficar na história rapaz”.

Posicionado nosso equipamento de filmagens e o cenário, damos início a entrevista.

Ouvir cada resposta foi um aprendizado valioso para mim, eu já havia lido alguns trabalhos sobre os Irmãos Aniceto, mas nada se compara a ver, ouvir pessoalmente.

Antes de irmos embora Jeová aproveita o tempo livre e me ensina uma nova performance. O nome da performance é “coruja e o caboré”, ele nos conta que é uma pesquisa feita por eles sobre os pássaros no mês de dezembro, a ideia nessa brincadeira é imitar como os pássaros pulam de um galho para o outro. Então é colocado uma vareta no chão e eles vão dançando ao redor sem triscar na varinha. Quando o público é envolvido na brincadeira, a regra é dançar e saltitar em torno da varinha, não podendo tocar na mesma.

Foi um aprendizado riquíssimo saber sobre a banda cabaçal numa vivência etnográfica. Vivenciar esse momento me faz ter certeza que é isso que quero seguir pesquisando,

¹ Antônio José Lourenço da Silva, o mestre Antônio Aniceto, integrante da Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto (filho de José Aniceto criador do grupo) falecido em 12 de janeiro de 2015 em decorrência de um acidente vascular cerebral hemorrágico (AVC), agravado por insuficiência renal aguda.

valorizando e respeitando: a musicalidade da banda cabaçal dos irmãos Aniceto e as bandas de pife desse Brasil.

A relação da Banda Cabaçal dos irmãos Aniceto com o meio rural

A Banda Cabaçal dos Irmãos Aniceto é conhecida pela musicalidade e performances, que por sua vez traz uma referência ligada ao meio rural. Tendo este como uma inspiração para criação de canções, sempre trazendo a fauna, a flora, a natureza como tema central. E há também a ligação dos instrumentos musicais com a natureza, explicação defendida pelos Irmãos Aniceto de que quando criada as primeiras bandas cabaçais em tribos indígenas da região, os tambores eram feitos a partir da cabaça moringo, cobertos com couro de cabra. (SILVA, 2011)

Silva, que defende a tese de Costa, acredita que as bandas cabaçais como prática sociocultural hoje são resultado de um misto de conexões entre os povos e as culturas nele inseridos, tendo assim observada a forte relação dos Irmãos Aniceto com o meio rural representada nas músicas e danças criadas. Ademais, os músicos integrantes da Banda cabaçal também são agricultores, tendo como principal sustento familiar a agricultura e o cultivo de plantas e levando a crer que esta prática não poderia ser ignorada.

Criados no meio rural e tendo sofrido com a urbanização desenfreada, atualmente moram na mesma localidade, usufruindo hoje do espaço urbano, apesar disso nunca deixaram se influenciar pelas modernidades mantendo até hoje a simplicidade na vida e nas apresentações.

As bandas cabaçais e a cultura popular

Inicialmente as bandas cabaçais populares eram formadas, quase que exclusivamente por agricultores que defendiam através da música e da dança sua vida na roça e por meio desta prática expressavam sua cultura. Infelizmente hoje esta prática está sendo esquecida e o pagamento pela apresentação está sendo uma ajuda no sustento da família dos integrantes, mas não deixando de lado as atividades lúdicas que a apresentação traz. (FIGUEIREDO FILHO, 1960 *apud* SILVA 2011)

O conceito de cultura popular e folclore sempre foi bastante discutida em todas as áreas de conhecimento.

A primeira categoria se configura no plural, por concordarmos com Canclini (1983), que visualiza que as manifestações, práticas culturais populares são várias, portanto, não podem ser postas de maneira singular e una. Quando colocamos a categoria folclore em debate percebo que a mesma é carregada de uma perspectiva enviesada, por ter sido construída no pensamento brasileiro de forma romantizada. (SILVA, 2011, p. 27)

E segundo Monteiro Junior (2015, p. 44) “a cultura é uma forma de comunicação do sujeito com o mundo. É o conhecimento encontrado na memória individual e coletiva.” E a visão de folclore é entendido como uma atividade social. “[...] o fato folclórico se individualiza no processo que envolve a aceitação do pormenor cultural próprio à região, e, por outro lado, se desintegra e se recompõe ou recombina à medida que passa de uma outra área, de um a outro povo.” (CARNEIRO, 1982, p. 42 *apud* MONTEIRO JUNIOR, 2015, p. 44)

Definir Cultura e Folclore é uma tarefa difícil pois as duas acabam por serem confundidas e o estudo destas pode variar de acordo com o tempo que são estudadas.

A região do Cariri é rica em biodiversidade cultural e natural, há diversos grupos e várias apresentações ou festas, podemos citar as festas religiosas de Pe. Cicero de Juazeiro do Norte, o polo cultural de Crato, os balneários, a festa de Santo Antônio de Barbalha. O contexto religioso na região é bastante demasiado, tendo quase em sua exclusividade apresentação das bandas cabaçais, principalmente a dos Irmão Aniceto nas festas religiosas do Crato.

As apresentações da banda cabaçal dos Irmãos Aniceto na época dos chamados festejos é de suma importância, pois os mesmos acabam adquirindo visibilidade por todos que ali passam. O despertar de interesse nesse estilo de música e banda acaba por culminar na curiosidade pelo aprendizado de algum instrumento e na manutenção e propagação dessa prática cultural.

A cidade do Crato é bastante rica em manifestações artísticas e culturais, como a banda cabaçal dos Irmãos Aniceto e outras, grupos de pífanos, escritores de cordéis, museu de fósseis onde encontram-se expostos artefatos encontrados na Chapada do Araripe para visitação e casas de cultura e museus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Pablo Assumpção Barros. **ANICETE**: quando os índios dançam. UFC/Departamento de Comunicação e Biblioteconomia. Fortaleza- Ce. (1999)

GONÇALVES, Claudio Ubiratan. **"A GEOGRAFIA DO ETHOS CAPITALISTA NO CARIRI CEARENSE."** *Cadernos do CEAS: Revista crítica de humanidades* 223 (2016): 69-80.

MONTEIRO JUNIOR, Francisco Sidney da Silva. **"Tradição na modernidade: a performance da Banda Cabaçal Padre Cícero de Juazeiro do Norte-CE."** (2015).

SILVA, Jéssica Soares. **"“Entre toadas, leis e cachês”**: as práticas das bandas cabaçais do cariri cearense e as ressignificações do conceito de culturas populares." (2011).

ANEXOS

SUBIDA A CHAPADA DO ARARIPE PARA FAZER FILMAGENS PARA ABERTURA DO CURTA



(arquivo pessoal)



(arquivo pessoal)

**EQUIPAMENTO USADO NAS FILMAGENS: CELULARE E SUPORTE TRIPÉ
ARTESANAL**



(arquivo pessoal)



EDIÇÃO DO CURTA METRAGEM



(arquivo pessoal)



(arquivo pessoal)



ENTREVISTAS COM JEOVA ANICETO E MESTRE RAIMUNDO ANICETO



(arquivo pessoal)



(Mestre Raimundo)

BANDA CABAÇAL DOS IRMÃOS ANICETO



(arquivo pessoal)